Rostocker Dokumentenserver
Dieses Werk wurde Ihnen durch die Universitätsbibliothek Rostock zum Download bereitgestellt.
Für Fragen und Hinweise wenden Sie sich bitte an: digibib.ub@uni-rostock.de

Luiz Camões de

Paraphrase Do Salmo Super Flumina Babylonis

Bvckeburg: [Verlag nicht ermittelbar], MDCCLXX.

http://purl.uni-rostock.de/rosdok/ppn1758141034

Druck Freier Zugang PUBLIC DOMAIN

Landesbibliothek Mecklenburg-Vorpommern Günther Uecker
http://purl.uni-rostock.de/rosdok/ppn1758141034/phys_0001
DFG

PARAPHRASE
DO SALMO
SUPER FLUMINA BABYLONIS

DE LUIS
DE CAMOENS.

BVCKEBURG. CIↃIↃCCLXX.

Landesbibliothek Mecklenburg-Vorpommern Günther Uecker
http://purl.uni-rostock.de/rosdok/ppn1758141034/phys_0003
DFG

PARAPHRASE DO SALMO

SUPER FLUMINA BABYLONIS

DE LUIS DE CAMOENS.

SOBOLOS rios, que vaõ
Por Babylonia me achei
Onde ſentado chorei
As lembranças de Syaõ,
E quanto nella paſſei.
Alli o rio corrente
De meus olhos foi manado,
E tudo bem comparado,
Babylonia ao mal preſente,
Syão ão tempo paſſado.

ALLI lembranças contentes,
N'alma ſe repreſentàraõ,
E minhas couſas auſentes,
Se fizerão tam preſentes,
Como ſe nunqua paſſârão.
Alli deſpois de acordado,
Co roſto banhado em agoa,
Deſte ſonho imaginado,
Vi que todo o bem paſſado,
Nam he goſto, mas he magoa.

E VI que todos os danos
Se cauſavão das mudanças,
E as mudanças dos annos,
Onde vi quantos enganos
Faz o tempo ás eſperanças,
Alli vi o mayor bem,
Quão pouco eſpaço, que dura,
O mal quão depreſſa vem,
E quão triſte eſtado tem,
Quem ſe fia da ventura.

VI aquillo, que mais val,
Que então ſe entende melhor,
Quando mais perdido for;
Vi o bem ſucceder mal,
E o mal muito peor.
E vi com muito trabalho,
Comprar arrependimento:
Vi nenhum contentamento,
E vejome a mi, que eſpalho
Triſtes palavras ao vento.

BEM ſão rios eſtas agoas,
Com que banho eſte papel,
Bem parece ſer cruel,
Variedade de magoas,
E confuſaõ de Babel:
Como homem, que por exemplo
Dos trances, em que ſe achou,
Deſpois que a guerra deixou,
Pelas paredes do templo
Suas armas pendurou:

ASSI despois que assentei,
Que tudo o tempo gastava
Da tristeza, que tomei,
Nos salgueiros pendurei
Os orgaõs, com que cantava.
Aquelle instrumento ledo,
Deixei da vida passada,
Dizendo, musica amada,
Deixovos neste arvoredo
A' memoria consagrada.

FRAUTA minha, que tangendo
Os montes fazieis vir,
Para onde estaveis, correndo,
E as agoas, que hião decendo,
Tornavão logo a subir;
Já mais vos nam ouvirão
Os tigres, que se amansavão,
E as ovelhas que pastavão
Das ervas se fartarão
Que por vos ouvir deixavão.

JA' nam fareis docemente
Em rosas tornar abrolhos,
Na ribeira florecente,
Nem poreis freo á corrente,
E mais se for dos meus olhos.
Nam movereis a espessura,
Nem podereis já trazer
Atraz vós a fonte pura,
Pois nam pudestes mover
Desconcertos da ventura.

FICAREIS offerecida
A' fama que ſempre vella,
Frauta de mim tam querida,
Porque mudandoſe a vida,
Se mudaõ os goſtos della,
Acha a tenta mocidade
Prazeres acomodados,
E logo a mayor idade
Jà ſente por pouqu idade
Aquelles goſtos paſſados.

HUM goſto, que hoje ſe alcança,
A' menhan já o nam vejo,
Aſſi nos traz a mudança
De eſperança, em eſperança
E de deſejo em deſejo:
Mas em vida tam eſcaſſa,
Que eſperança ſerà forte?
Fraqueza de humana ſorte,
Que quanto da vida paſſa,
Eſtà recitando a morte.

MAS deixar neſta eſpeſſura
O canto da mocidade,
Nam cuide a gente futura,
Que ſerà obra da idade,
O que he força da ventura.
Que idade, tempo, & eſpanto
De ver quaõ ligeiro paſſe,
Nunqua em mi puderaõ tanto,
Que poſto que deixo o canto,
A cauſa delle deixaſſe.

MAS em triſtezas, & nojos,
Em goſto, & contentamento.
Por Sol, por neve, por vento,
Teràm preſente a los ojos,
Por quien muero tan contento.
Orgaõs, & frauta deixava,
Deſpojo meu tam querido,
No ſalgueiro, que alli eſtava,
Que para trofeo ficava
De quem me tinha vencido.

MAS lembranças da affeição,
Que alli cativo me tinha,
Me purguntàrão então,
Que era da muſica minha,
Que eu cantava em Syão:
Que foi daquelle cantar,
Das gentes tam celebrado,
Porque o deixava de uſar,
Pois ſempre ajuda a paſſar,
Qualquer trabalho paſſado?

CANTA o caminhante lèdo,
No caminho trabalhoſo,
Por entre o eſpeſſo arvoredo,
E de noite temeroſo
Cantando refrea o medo.
Canta o prezo docemente,
Os duros grilhoés tocando;
Canta o ſegador contente;
E o trabalhador cantando,
O trabalho menos ſente.

EU, que eſtas couſas ſenti
N'alma de magoas tam chea,
Como dirà, reſpondi,
Quem tam alheo eſtá de ſi,
Doce canto em terra alhea?
Como poderá cantar,
Quem em choro banha o peito?
Porque ſe quem trabalhar,
Canta por menos canſar,
Eu ſô deſcanſos engeito.

QUE nam parece razão,
Nem ſeria couſa idonia,
Por abrandar a paixão,
Que cantaſſe em Babylonia
As cantigas de Syão.
Que quando a muita graveza
De ſaudade quebrante
Eſta vital fortaleza,
Antes morra de triſteza,
Que por abrandala cante.

QUE ſe o fino penſamento,
Sò na triſteza conſiſte,
Nam tenho medo ao tormento,
Que morrer de puro triſte,
Que maior contentamento?
Nem na frauta cantarei,
O que paſſo, & paſſei jà,
Nem menos o eſcreverei,
Porque a pena canſarâ,
E eu nam deſcanſarei.

QUE se vida tam pequena,
Se acrecenta em terra estranha,
E se amor assi o ordena,
Razão he que canse a pena,
De escrever pena tamanha:
Porém se para assentar,
O que sente o coração,
A pena já me cansar,
Nam canse para voar
A memoria em Syaõ.

TERRA bemaventurada
Se por algum movimento
Da alma me fores,
Minha pena seja dada
A perpetuo esquecimento,
A pena deste desterro,
Que eu mais desejo esculpida
Em pedra, ou em duro ferro,
Essa nunqua seja onvida,
Em castigo de meu erro.

E SE eu cantar quizer,
Em Babylonia sugeito,
Hierusalem sem te ver,
A voz quando a mover
Se me congele no peito:
A minha lingua se apegue
A's fauces pois te perdi,
Se em quanto viver assi
Houver tempo, em que te negue,
Ou que me esqueça de ti.

MAS ó tu terra de gloria,
Se eu nunqua vi tua eſſencia,
Como me lembras na auſencia,
Nam me lembras na memoria,
Senam na reminiſcencia:
Que a alma he taboa raza,
Que com a eſcrita doutrina
Celeſte, tanto imagina,
Que voa da propria caſa,
E ſobe â patria divina.

NAM he logo au ſaudade
Das terras, onde naceo,
A carne, mas he do Ceo,
Daquella ſanta Cidade,
Donde eſta alma deſcendeo:
E aquella humana figura,
Que cà me pode alterar,
Nam he, quem ſe ha de buſcar;
He rayo da fermoſura,
Que ſô ſe deve amar.

QUE os olhos, & a luz, que atea
O fogo, que cà ſugeita,
Nam do Sol, mas da candèa,
He ſombra daquella ideâ,
Que em Deos eſtá mais perfeita's
E os que cá me cativàrão,
Saõ poderoſos affeitos,
Que os coraçoens tem ſugeitos;
Sofiſtas, que me enſinárão
Maos caminhos por direitos.

DESTES o mando tyrano,
Me obriga com desatino,
A cantar ao som do dano,
Cantares de amor profano,
Por versos de amor divino:
Mas eu lustrado co santo
Rayo na terra de dor,
De confusoẽs, & de espanto,
Como hei de cantar o canto,
Que só se deve ao Senhor?

TANTO pòde o beneficio
Da graça, que dá sande,
Que ordena, que a vida mude,
E o que eu tomei por vicio,
Me faz gráo para a virtude,
E faz, que este natural
Amor, que tanto se preza,
Suba da sombra ao real,
Da particular belleza,
Para a belleza gèral.

FIQUE logo pendurada
A frauta, com que tangi,
Oh Hierusalem sagrada,
E tome a lyra dourada,
Para sò cantar de ti,
Nam cativo, & ferrolhado
Na Babylonia infernal,
Mas dos vicios desatado,
E cá desta a ti levado,
Patria minha natural.

Landesbibliothek Mecklenburg-Vorpommern Günther Uecker
http://purl.uni-rostock.de/rosdok/ppn1758141034/phys_0013
DFG

ESE eu mais dêr a cerviz
A mundanos accidentes,
Duros, tyranos, & urgentes,
Riſqueſe quanto já fiz
Do grão livro dos viventes;
E tomando já na maõ
A lyra ſanta, & capaz
Doutra mais alta invenção,
Caleſe eſta confuſão,
Canteſe a viſaõ de paz.

OUÇAME o paſtor, & o Rey,
Retumbe eſte acento ſanto,
Movaſe no mundo eſpanto,
Que do que já mal cantei,
A palinodia já canto.
A vós sò me quero ir,
Senhor, & graõ Capitão
Da alta torre de Syão,
A' qual nam poſſo ſubir,
Se me vôs nam dais a mão.

NO GRAÕ dia ſingular,
Que na lyra o douto ſom,
Hieruſalem celebrar,
Lembraivos de caſtigar
Os ruins filhos de Edom.
Aquelles, que tintos vão
No pobre ſangue innocente,
Soberbos co poder vão,
Arrazalos igualmente,
Cooheçao, que humanos ſaõ.

E AQUELLE poder tam duro
Dos affeitos, com que venho,
Que encendem alma & engenho,
Que jà me entràraõ o muro
Do livre arbitrio, que tenho;
Eſtes, que tam furioſos
Gritando vem a eſcalarme,
Maos eſpiritos danoſos,
Que querem como forçoſos,
Do alicerſe derribarme.

DERRIBAYOS, fiquem ſôs,
De forças fracos, imbelles,
Porque nam podemos nós,
Nem com elles ir a vòs,
Nem ſem vòs tirarnos delles;
Nam baſta minha fraqueza,
Para me dar defenſão,
Se vós ſanto Capitaõ,
Neſta minha fortaleza,
Nam puzerdes guarnição.

E TU ò carne, que encantas,
Filha de Babel tam fea,
Toda de miſeria chea,
Que mil vezes te levantas,
Contra quem te ſenhorea:
Beato sò póde ſer,
Quem com a ajuda celeſte
Contra ti prevalecer,
E te vier a fazer
O mal, que lhe tu fizeſte.

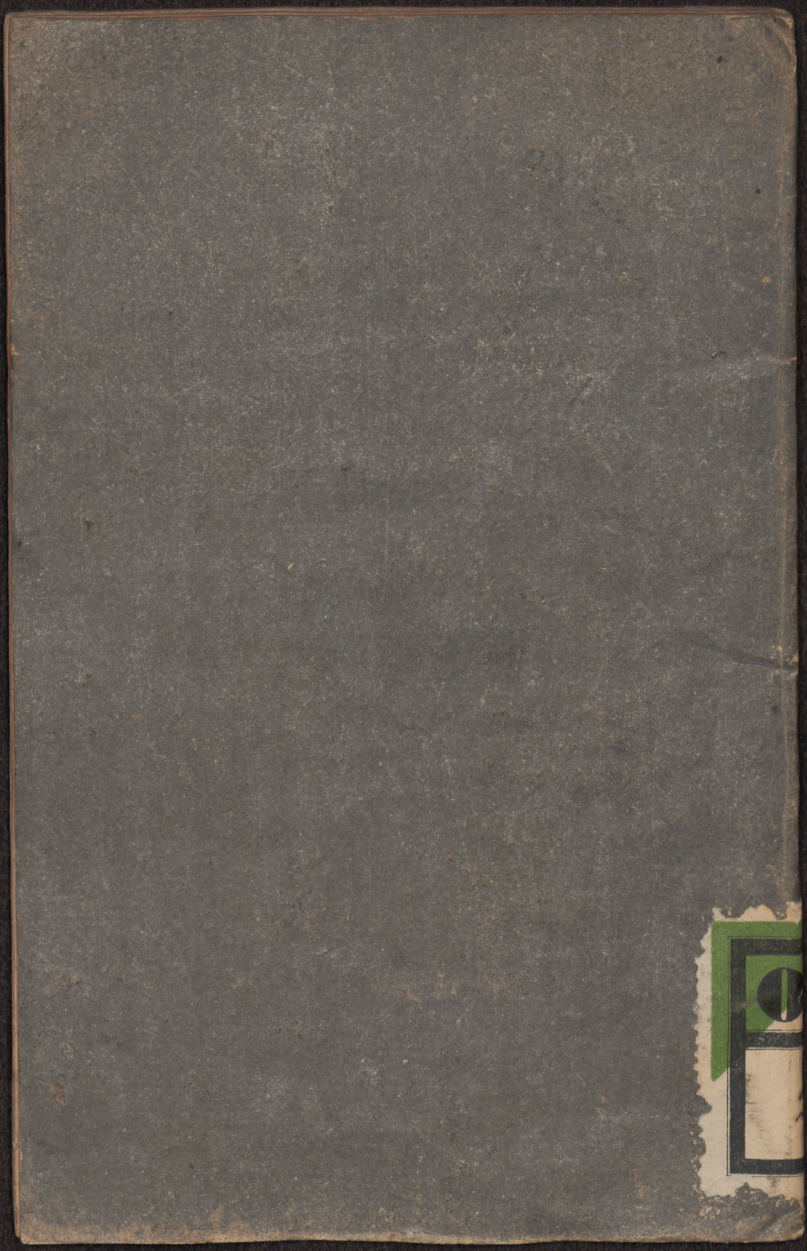
QUEM com disciplina crua
Se fere mais, que hũa vez,
Cuja alma de vicios nua,
Faz nodas na carne sua,
Que jà a carne n'alma fez.
E beato quem tomar
Seus peusamentos rezentes,
E em nascendo os afogar,
Por nam virem à parar
Em vicios graves, & urgentes.

QUEM com elles logo der
Na pedra do furor santo,
E batendo os desfizer
Na pedra, que veo a ser
Emfim cabeça do canto:
Quem logo quando imagina
Nos vicios da carne má,
Os pensamentos declina,
A aquella carne divina,
Que na cruz esteve já.

QUEM do vil contentamento
Cá desto mundo visivel,
Quanto ao homem for possivel,
Passar logo o entendimento
Para o mundo intelligivel:
Alli achará alegria
Em tudo perfeita, & chea
De tam suave armonia,
Que nem por pouca recrea,
Nem por sobeja enfastia.

ALLI verâ tam profundo
Miſterio na ſumma alteza;
Que, vencida a natureza,
Os mòres fauſtos do mundo
Julgue por mayor baixeza:
Oh tu divino apoſento,
Minha patria ſingular,
Se sò com te imaginar,
Tanto ſôbe o entendimento,
Que farâ ſe em ti ſe achar?

DITOSO quem ſe partir
Para ti, terra excellente,
Tam juſto, & tam penitente,
Que deſpois de a ti ſubir
Là deſcanſe eternamente.



Landesbibliothek Mecklenburg-Vorpommern Günther Uecker
http://purl.uni-rostock.de/rosdok/ppn1758141034/phys_0020
DFG

QUE se vida tam pequena,
Se acrecenta em terra estranha,
E se amor assi o ordena,
Razão he que canse a pena,
De escrever pena tamanha:
Porém se para assentar,
O que sente o coração,
A pena jà me cansar,
Nam canse para voar
A memoria em Syaõ.

TERRA bemaventurada
Se por algum movimento
Da alma me fores,
Minha pena seja dada
A perpetuo esquecimento,
A pena deste desterro,
Que eu mais desejo esculpida
Em pedra, ou em duro ferro,
Essa nunqua seja onvida,
Em castigo de meu erro.

E SE eu cantar quizer,
Em Babylonia sugeito,
Hierusalem sem te ver,
A voz quando a mover
Se me congele no peito:
A minha lingua se apegue
A's fauces pois te perdi,
Se em quanto viver assi
Houver tempo, em que te negue,
Ou que me esqueça de ti.